

MERCOSUL-UE

Congresso quer apressar acordo

No Senado, será criado grupo de trabalho para implementar o tratado. Antes, o documento passará pelo Parlasul e Câmara

» RAPHAEL PATI

A Câmara dos Deputados e o Senado trabalham para dar celeridade ao longo percurso que o acordo de livre-comércio entre Mercosul e União Europeia terá que percorrer no Parlamento para passar a valer de fato. Assinado no dia 17 de janeiro, após mais de duas décadas de debate entre os países-membros dos dois blocos, o documento chegou na última terça-feira ao Parlamento brasileiro.

Ontem, o presidente da Comissão de Relações Exteriores (CRE) do Senado Federal, Nelsinho Trad (PSD-MS), anunciou que vai criar um Grupo de Trabalho para discutir a implementação do acordo e acelerar o processo de tramitação.

Antes de ir de fato para o Congresso, o Parlamento do Mercosul, também chamado de 'Parlasul', deve aprovar o relatório à proposta do acordo entre os dois blocos. O deputado federal Arlindo Chinaglia (PT-SP), presidente da Representação Brasileira no Parlasul, quer convocar para o próximo dia 10 uma reunião da comissão para analisar o texto, que será relatado por ele mesmo.

Se o texto for aprovado no parlamento do bloco, deve seguir imediatamente para a Câmara dos Deputados, onde o presidente da Casa, Hugo Motta, já adiantou que quer votar o Projeto de Decreto Legislativo (PDL) que trata sobre o tema na semana seguinte ao feriado de carnaval. Na Câmara, o texto também passa pela mesma comissão na Casa, antes de ir para o plenário.

Após passar pela Câmara, o projeto do acordo vai para o Senado que, na expectativa do presidente da CRE deve ocorrer até o final de fevereiro ou na primeira semana de março. "O presidente do Senado também quer oferecer celeridade nessa tramitação, até porque esse acordo não pode ser emendado por nenhum parlamentar, como qualquer projeto de lei. Ou você vota sim, ou você vota não, o que facilita ao menos o

Saulo Cruz/Agência Senado



Na reunião da CRE, o senador Nelsinho Trad (PSD-MS) afirmou que o grupo de trabalho vai ser um canal de comunicação sobre o acordo

encaminhamento da votação", disse o parlamentar.

Após passar pelo Senado, o texto retorna ao Palácio do Planalto, onde será internalizado pelo Executivo. A ideia do grupo de trabalho é discutir soluções para a implementação do acordo após a aprovação no Legislativo. De acordo com o presidente da CRE, o governo federal também deve participar ativamente das discussões, com a presença de membros de ministérios como da Agricultura e do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Mdic).

Canal

"O grupo de trabalho vai ficar totalmente focado e voltado para

os desdobramentos da implantação do acordo de livre-comércio. A gente quer criar um canal — e é esse grupo de trabalho — aberto à sociedade para se determinado setor se sentir prejudicado, tiver alguma dúvida, precisar fazer algum ajuste, que acione esse grupo de trabalho", disse Trad, em entrevista coletiva.

O senador Hamilton Mourão (Republicanos-RS), que também faz parte da comissão, afirmou que o grande tema a ser discutido é a questão ambiental, que segundo ele impacta tanto o setor do agro quanto o da indústria. "A Europa tem uma série de leis ambientais em relação ao processo industrial deles, que são diferentes das nossas, nós aqui temos um

marco regulatório do meio ambiente, uma lei que é muito mais draconiana que a Europa utiliza. Então aí que vai estar o ponto de discussão e que a gente já está vendo isso ser discutido lá dentro dos países europeus", destacou.

Já a senadora Tereza Cristina (PP-MS), vice-presidente da CRE, acredita que o grande desafio está relacionado às salvaguardas impostas pela União Europeia ao acordo. Os agricultores brasileiros temem que o número de restrições possa neutralizar os impactos positivos do tratado de livre-comércio entre os dois blocos. "Mas nós já temos uma lei. A Lei da Reciprocidade, que passou por ampla maioria nesse Congresso, tanto na Câmara

quanto no Senado, foi sancionada pelo presidente da República, agora é regulamentar essa lei para que a gente tenha a mesma proteção que eles querem ter lá, que a gente tenha também aqui", lembrou a parlamentar.

Oportunidade

Para o analista da Ouro Preto Investimentos, Sidney Lima, o acordo representa um sinal institucional relevante para a imagem do Brasil no exterior, que tende a ser incorporado gradualmente aos preços dos ativos no país. "A maior integração comercial com a União Europeia contribui para reduzir incertezas externas, melhorar a percepção de risco e, ao longo do tempo,



O presidente do Senado também quer oferecer celeridade nessa tramitação, até porque esse acordo não pode ser emendado por nenhum parlamentar, como qualquer projeto de lei. Ou você vota sim, ou você vota não, o que facilita ao menos o encaminhamento da votação"

Nelsinho Trad, presidente da Comissão de Relações Exteriores (CRE) do Senado Federal

favorecer a compressão do prêmio exigido tanto em renda variável quanto em crédito privado", destaca o especialista.

Para o diretor da Bossa Invest, Antonio Patrus, o acordo Mercosul-União Europeia reforça uma agenda de longo prazo mais favorável ao empreendedorismo e à internacionalização das empresas brasileiras. "Esse movimento também amplia o espaço para o crédito privado complementar o venture capital, financiando fases de expansão, adaptação regulatória e ganho de escala", destaca o executivo, que acredita que o acordo contribui para um ecossistema mais robusto das empresas brasileiras.

MERCADO FINANCEIRO

Fundos investiram R\$ 1,7 trilhão em ações em 2025

Os investimentos de instituições na B3 em 2025 foram de R\$ 1,7 trilhão no mercado à vista, sendo R\$ 997,4 milhões somente em ações. Na comparação entre dezembro de 2024 e dezembro de 2025, o volume negociado no mercado à vista registrou crescimento de 15%. No segmento de ações, o avanço foi de 25% no mesmo período.

O aumento reflete o bom momento do mercado de investimentos do país, com a bolsa atingindo a marca de 186 mil pontos, e foi obtido a partir da plataforma Datawise+, operada pela própria B3 e pela empresa Neoway.

Investidores institucionais na bolsa (B3) são entidades jurídicas que gerenciam grandes volumes de capital de terceiros, como fundos de pensão, seguradoras, bancos e fundos de investimento, e o mercado à vista inclui investimentos em fundos, como os fundos imobiliários (FIIs).

As ações mais visadas por esse tipo de investidor, em 2025, foram as de empresas de energia, bancos e mineração. Entre as dez com maior volume de aportes as ações da Vale (VALE3) atraíram R\$ 86 bilhões. As empresas de energia atraíram R\$ 130,4 bilhões, sendo R\$ 67,9 bilhões na Petrobras (PETR4), R\$ 21,8 bilhões na Prio (PRIO3), R\$ 20,7 bilhões na Axia Energia (AXIA3) e R\$ 20 bilhões na Equatorial Energia (EQTL3).

Entre os bancos, o total foi de R\$ 114,5 bilhões, com o Itaú Unibanco (ITUB4) atraindo R\$ 45 bilhões, o Banco do Brasil (BBAS3) R\$ 37,8 bilhões e o Bradesco (BBDC4) R\$ 31,7 bilhões. Fechando a lista de dez ações com maior volume de investimentos, o fundo B3 (B3SA3) recebeu aportes de R\$

22 bilhões e a Localiza (RENT3) atraiu R\$ 20,8 bilhões.

Dia de queda

Ontem, um dia após bater recorde, a bolsa brasileira passou por forte correção e caiu pouco mais de 2%, puxada por ações de bancos. O dólar fechou estável, apesar da pressão internacional.

O índice Ibovespa, da B3, encerrou a quarta-feira aos 181.708 pontos, com recuo de 2,14%. O indicador foi influenciado tanto pela queda nas bolsas dos Estados Unidos como pela realização de lucros, quando investidores vendem papéis para embolsar ganhos dos recentes.

O mercado de câmbio teve um dia mais tranquilo. O dólar comercial fechou o pregão vendido estável, a R\$ 5,25, o mesmo valor da terça-feira. A cotação chegou a cair para R\$ 5,21 pouco antes das 11h, mas voltou à zona de estabilidade durante a tarde. Em 2026, a moeda estadunidense cai 4,38%.

Em relação ao dólar, a valorização das commodities (bens primários com cotação internacional) fez várias moedas de países emergentes resistirem à pressão externa. A cotação do barril de petróleo do tipo Brent subiu pouco mais de 3% após impasses nas negociações entre Estados Unidos e Irã.

A bolsa de valores acompanhou a queda das bolsas estadunidenses, em meio a temores de um estouro de bolha em empresas de inteligência artificial. Além disso, a queda menor que o previsto na atividade do setor de serviços nos Estados Unidos diminuiu as chances de o Federal Reserve (Banco Central estadunidense) cortar os juros na próxima reunião, em março. (Agência Brasil)



Segundo a Datawise+, o apetite pela B3 reflete o bom momento do mercado de investimentos do país

Fluxo cambial soma US\$ 5 bi em janeiro

O Brasil registrou fluxo cambial positivo de US\$ 5.086 bilhões em janeiro, segundo dados preliminares divulgados nesta quarta-feira, 4, pelo Banco Central (BC). Em dezembro de 2025, houve saída líquida de US\$ 12,191 bilhões.

O canal financeiro registrou entrada líquida de US\$ 6.222 bilhões. Isso é o resultado de compras no valor de US\$ 64.854 bilhões e vendas no total de US\$ 58.632 bilhões.

O segmento reúne os investimentos estrangeiros diretos e em carteira, remessas de lucro e pagamento de juros, entre outras operações.

O comércio exterior, o saldo do mês foi negativo em US\$ 1.136 bilhão, com importações de US\$ 20.751 bilhões e exportações de US\$ 19.615 bilhões. Nas exportações, estão incluídos US\$ 2.351 bilhões em Adiantamento de Contrato de Câmbio (ACC), US\$ 3.696

bilhões em Pagamento Antecipado (PA) e US\$ 13.567 bilhões em outras entradas.

O Brasil registrou fluxo cambial positivo de US\$ 4.180 bilhões na semana passada. Entre os dias 26 e 30 de janeiro, o canal financeiro apresentou entradas líquidas de US\$ 2.719 bilhões. O valor é o resultado de compras de US\$ 18.870 bilhões e vendas no total de US\$ 16.151 bilhões.

R\$ 130,4

BILHÕES

Foi quanto os investidores institucionais aplicaram em empresas de energia

R\$ 114,5

BILHÕES

Foi quanto os investidores institucionais aplicaram em ações de bancos